

Eucaristia:

quando podemos comungar?

A Eucaristia, presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual, é o que de mais precioso pode ter a Igreja no seu caminho ao longo da história.

A integridade dos vínculos invisíveis é um dever moral concreto do cristão que queira participar plenamente na Eucaristia, comungando o corpo e o sangue de Cristo. Paulo adverte: “Examine-se cada qual a si mesmo e, então, coma desse pão e beba desse cálice” (1Cor 11, 28).

JOÃO PAULO II. CARTA ENCÍCLICA *ECCLESIA DE EUCHARISTIA*, n. 36.

O *Catecismo da Igreja Católica* (1384,1385) estabelece: “Aquele que tiver consciência dum pecado grave, deve receber o sacramento da Reconciliação antes de se aproximar da Comunhão”.

A Eucaristia e a Penitência são dois sacramentos intimamente unidos.

São Paulo dirigia aos cristãos de Corinto: “Suplicamo-vos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus”
(2 Cor 5, 20).

**Tratando-se de uma avaliação de consciência,
obviamente o juízo sobre o estado de graça
compete apenas ao interessado.**

“Por que na missa, antes de nos aproximarmos da Eucaristia, dizemos: Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada, mas dissei uma só palavra e serei salvo?”

A fórmula que faz parte do rito de comunhão da celebração Eucarística e constitui a última preparação antes de receber sacramentalmente o corpo e o sangue de Cristo na missa.

Imediatamente depois da Oração Eucarística, com a presença de Jesus no altar, nós nos dirigimos juntos a Deus, chamando-o de Pai; depois recebemos e trocamos o dom da paz, primeiro dom do Ressuscitado; em seguida, acontece a fração do Pão Eucarístico, acompanhada do “Cordeiro de Deus”; finalmente, chegamos às palavras recitadas pelo sacerdote enquanto eleva a hóstia consagrada partida: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. – **Senhor, eu não sou digno que entreis em minha morada, mas dizei uma palavra e serei salvo**”.

A Instrução Geral do Missal Romano, falando do rito de comunhão, no número 84 indica o sentido preciso destas palavras: “O sacerdote mostra aos fiéis o pão eucarístico sobre a patena ou sobre o cálice e convida-os para o banquete de Cristo; e, juntamente com os fiéis, faz um ato de humildade, utilizando as palavras evangélicas prescritas”.

A Igreja escolheu, como último momento da preparação para o recebimento da Eucaristia, retomar as palavras do centurião romano de Cafarnaum, quando pediu a Jesus que curasse seu servo fiel: “Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha casa. Dizei uma só palavra e meu servo será curado” (Mt 8, 8).

Atitude de extrema humildade e de profunda confiança que caracterizou esse oficial pagão ao pedir a intervenção salvadora de Cristo em sua casa – uma verdadeira e autêntica profissão de fé – quer e deve ser a atitude de todos nós, sacerdotes e fiéis (estas palavras são pronunciadas por ambos, padre e povo) no momento em que estamos a ponto de receber o Senhor em nosso coração.

“Devo recebê-lo sempre, para que sempre perdoe os meus pecados. Se peço continuamente, devo ter sempre um *remédio*” (Santo Ambrósio, *De Sacramentis*, IV, 6, 28: *PL* 16, 464). “Aquele que comeu o maná, morreu; aquele que come deste corpo, obterá o perdão dos seus pecados” (*Ibid.*, IV, 5, 24: *o. c.*, 463). “Examinei a mim mesmo e reconheci-me indigno. Àqueles que assim falam, eu digo: E quando sereis dignos? Então quando vos apresentareis diante de Cristo? E, se os vossos pecados impedem de vos aproximar e se nunca parais de cair – *quem conhece os seus delitos?*: diz o salmo – ficareis sem tomar parte na santificação que vivifica para a eternidade?” (*São Cirilo de Alexandria, In Johannis evangelium*, IV, 2: *PG* 73, 584-585).

O Papa Francisco continuamente nos alerta que não somos “controladores da graça” e que a Eucaristia não é um prêmio para os perfeitos, mas um “alimento para os fracos” (EG 47).

FRANCISCO, PP. Discurso aos participantes do 37º Encontro Nacional da Renovação Carismática Católica.

O católico na busca da verdade é capaz de crescer na vida da graça e de caridade, a partir deste discernimento ter o acesso aos sacramentos da penitência e da eucaristia.

A consciência reta dos cristãos, quando abertas ao Espírito, pode orientá-los para a decisão de aceder à comunhão sacramental, para isto, “a consciência das pessoas deve ser melhor incorporada na práxis da Igreja em algumas situações”.

O caminho sincero na presença de Deus abre um caminho de penitência e de reconciliação.

Tudo isto pode abrir novas dimensões de encontro com o Senhor rico em misericórdia que não se cansa de perdoar.

A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos.

O discernimento particular não é o desfazer da norma moral, mas o reconhecimento do bem melhor para cumprir nas situações concretas; como ensina Santo Tomás de Aquino, “a lei vale na maior parte dos casos, não, portanto, em todos os possíveis” . TOMÁS DE AQUINO, I-II, 94, 4.

O Papa Francisco recorda aos sacerdotes
“que o confessional não deve ser uma
câmara de tortura, mas o lugar da
misericórdia do Senhor” (EG 44).

A Igreja possui sólida reflexão sobre os condicionamentos e as circunstâncias atenuantes. Por isso, já não é possível dizer que todos os que estão em situação chamada “irregular” vivam em estado de pecado mortal, privados da graça santificante (CIgC 1750- 1754).